



Nascimento e Morte do Sabático: Um Debate Sobre o Espaço da Literatura e Sua Crítica na Mídia Impressa¹

Karla Beraldo de SOUZA²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Primeiro ousadia, depois recuo. Nascimento e morte do suplemento literário *Sabático* fomentam o antigo debate sobre o espaço da literatura e sua crítica na mídia impressa e revelam estratégias controversas do jornal *O Estado de S. Paulo* frente às imposições e demandas do leitor no contexto web. Por meio do resgate das questões relativas ao lançamento do *Sabático* e de uma análise acerca do universo temático e editorial do suplemento, este artigo discute os motivos que resultaram no fim de “um tempo para leitura”.

PALAVRAS-CHAVE: Sabático; suplementos literários; jornalismo; crítica literária.

Introdução

Depois de pouco mais de três anos de circulação, o *Sabático* teve seu fim decretado em abril, com a implantação de uma nova configuração dos cadernos e projeto gráfico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O anúncio da morte do suplemento literário editado por Rinaldo Gama repercutiu no meio cultural brasileiro, mobilizando escritores, jornalistas e leitores do caderno “contra o fim do *Sabático*” – título da petição online assinada por pouco mais de 1.500 internautas.³

“Reconhecemos que não é fácil, hoje em dia, manter um caderno cultural. No entanto, a decisão de interromper as atividades do *Sabático* contradiz frontalmente a vocação de *O Estado de S. Paulo*”, lê-se no texto encarregado de angariar as assinaturas em apelo à direção do jornal. (BRASIL, 2013).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Bacharel em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), email: ka_beraldo@yahoo.com.br.

³ O escritor João Paulo Cuenca e Raquel Cozer, que atuou como repórter e colunista do *Sabático*, estão entre os nomes que aderiram à petição, divulgando a causa em seus perfis na rede social Twitter. Também no microblog, o escritor Miguel Sanches Neto lamentou: “Fim do *Sabático*, menos espaço para a literatura”.



Ainda com base na tradição do *Estado de S. Paulo* enquanto espaço de reflexão da produção artística e intelectual, a petição argumenta: “um veículo que criou o *Suplemento Literário* não deve acabar com o *Sabático*: fazê-lo significa apagar a própria história.” (ibid.).

Em contrapartida, para o *O Estado de S. Paulo*, as mudanças realizadas pelo jornal refletem a necessidade de acompanhar o tempo do leitor e de adequar-se a um mundo mais veloz e digital. Sobre a estreia do novo projeto, noticiou:

O jornal *O Estado de S. Paulo* estreia na segunda-feira, 22 de abril, nova configuração de cadernos. O objetivo é oferecer mais conveniência para os leitores, acompanhando os tempos disponíveis para a leitura - cada vez mais comprimidos em dias úteis e maiores aos finais de semana - e organizando melhor a edição. (O ESTADO DE S. PAULO, p. B10, 2013).

Entre as alterações, o jornal destaca a concentração da cobertura diária em três cadernos: *Primeiro Caderno*, com as notícias de Política e Internacional e as seções *Metrópole e Esporte; Economia & Negócios*, com o noticiário sobre política econômica e cobertura de empresas, empreendedorismo, tecnologia e inovação; e o *Caderno 2*, com reportagens sobre entretenimento, tendências e comportamento, além de cultura digital e literatura, temáticas antes abrigadas pelos cadernos *Link* e *Sabático*, respectivamente.⁴

Especificamente sobre o fim do seu suplemento literário, o *O Estado de S. Paulo* anuncia de forma sucinta: “a cobertura de literatura (hoje concentrada no caderno *Sabático*) será incorporada ao dia-a-dia do *Caderno 2*.” (ibid.).

Embora o debate sobre o desaparecimento gradativo do espaço destinado à literatura e sua crítica no jornalismo não seja recente; nem tampouco a quase extinção, nos dias de hoje, do modelo de cobertura cultural representado pelos antigos suplementos literários, a decisão do *O Estado de S. Paulo* frente às imposições do leitor contemporâneo reascende essas discussões.

No âmbito do jornalismo cultural, os suplementos literários tiveram importante papel, desde o início do século XX, como ambiente de análise e reflexão crítica da produção artístico-intelectual, constituindo-se como espaço de resistência às imposições

⁴ Além da diferente organização dos cadernos impressos, o jornal anunciou nova versão do Estadão Móvel para smartphones.



da própria prática jornalística e às pressões do mercado por uma linguagem mais superficial e desprovida de crítica.

Tratam-se, nas palavras de Silviano Santiago (1993, p.14), de tentativas de “motivar o leitor apressado dos dias de semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira mais inteligente”.

Vai ser ainda por meio da imprensa, principalmente, que a literatura difunde-se e se legitima, enquanto escritores e intelectuais ganham notabilidade e prestígio com a consolidação de espaços para a crítica no jornalismo.⁵ Como assinala Abreu (1996, p.23), “os suplementos literários formaram redes de sociabilidade para muitos intelectuais na década de 50, e juntamente com os cafés, os salões, as revistas literárias e as editoras, permitiram a estruturação do campo intelectual”.

É na década citada pela autora que se observa uma verdadeira proliferação de suplementos literários, lançados em quase todos os grandes jornais diários da época.⁶ Isso acontece porque, ao profissionalizar-se, o jornalismo passou a dar mais importância para a reportagem, para o relato de fatos, delineando-se cada vez mais objetivo e informativo e menos analítico. “As colaborações literárias (...) constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário”, explica SODRÉ (1999, p. 296).

No Brasil, o desenvolvimento do jornalismo sobre cultura está bastante associado à prática de um jornalismo crítico, de opinião, feito sob os moldes franceses e cuja referência foi predominante até a década de 60. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, o que marca a atividade jornalística é a adoção do modelo americano como parâmetro para a sua produção.

O jornalismo de opinião, de influência francesa, é gradualmente substituído por um jornalismo “que privilegia a informação e a notícia e que separa, o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação”. (ABREU, 1996, p.15).

Para Nina (2007, p.76), “se houve ganho da objetividade por um lado, aproximando o texto crítico da linguagem mais jornalística, por outro, não se pode deixar de dizer que a literatura foi, aos poucos, perdendo espaço – e importância – nos

⁵ A grande época da crítica em jornal no Brasil data entre os anos 1940 e 60. Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux são os nomes de destaque do período (PIZA, 2007).

⁶ Duas dessas publicações se tornarão antológicas na história do jornalismo cultural brasileiro: o Suplemento Literário, do jornal O Estado de S. Paulo – que serviu de inspiração para o Sabático; e o Suplemento Dominical, do Jornal do Brasil, ambos criados em 1956. De modo geral, o período é de importantes transformações na mídia brasileira. São nos anos 50, por exemplo, que ocorrem as reformas gráfica e editorial no Diário Carioca e no Jornal do Brasil, além da criação dos diários Tribuna Imprensa (1949) e Última Hora (1951).



jornais”. É o que Silvano Santiago (1993, p.12) batiza de “desliteraturização” da imprensa. Para o autor,

[...] a história da imprensa escrita na sociedade ocidental é a história da sua desliteraturização. Ou seja, isso a que se chama tradicionalmente de literatura vem perdendo no correr dos séculos e de maneira sistemática o seu lugar, poder e prestígio na imprensa diária e na semanal.

À medida que o chamado mercado de bens simbólicos solidifica-se, o jornalismo cultural caminha para uma visão simplificada da experiência artística, estética e intelectual, traduzida na necessidade de atingir um público amplo e de satisfazer o chamado leitor médio.⁷

A concretização desse cenário nos anos 80 evidencia o jornalismo cultural como campo de tensão entre as demandas do mercado e a reflexão crítica, à medida que passa a ser necessário conciliar, numa mesma editoria, variedades, colunas sociais, horóscopos e a cobertura propriamente jornalística da cultura.

Consolidam-se, assim, os “segundos cadernos” como padrão para a cobertura de temas culturais. É neste momento, por exemplo, que *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, os dois principais jornais paulistas, firmam seus cadernos culturais diários, o *Caderno 2* e *Ilustrada*, respectivamente. No Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* aposta no *Idéias*.⁸

[...] a partir da segunda metade da década de 1980 – quando se acentua o processo de cadernização dos jornais, com as empresas de comunicação buscando atingir determinados segmentos de leitores por áreas temáticas ou editorias setorizadas – os cadernos culturais também são adaptados a essas novas situações de mercado. (GADINI, 2009, p.192).

Em resumo, a tendência passa a ser a veiculação de um caderno de circulação diária, dedicado à cobertura do cotidiano dos setores culturais, enquanto as análises mais aprofundadas são destinadas aos suplementos de final de semana. “Muitos escritores, intelectuais e colaboradores continuam a fomentar os suplementos literários

⁷ Não se ignora, contudo, que algumas iniciativas representaram uma postura oposta a essa tendência, como o Folhetim, do jornal Folha de S. Paulo, publicado no final dos anos 70 e durante quase toda a década de 80. Seguindo os passos do Pasquim, o Folhetim é considerado o primeiro caderno cultural “alternativo” dentro da grande imprensa, e foi pautado no humor e numa certa “marginalidade”.

⁸ Embora se registre a existência de cadernos culturais diários já na década de 1950, é nos anos 80 que esse modelo de cobertura consolida-se.



que, em vários casos, não foram extintos e passam a conviver com a circulação diária da editoria de cultura nos principais jornais do país”, retrata Gadini (2009, p.179).

Contudo, o tipo de informação, linguagem e proposta representado pelos antigos suplementos já não se adequava ao novo estágio vivido pela imprensa.

Os suplementos deixam de ser o espaço de veiculação da crítica literária, perderam a função de analistas da qualidade de um livro quanto a sua forma e conteúdo e se transformaram em meros divulgadores de novos lançamentos editoriais. Os intelectuais, escritores, poetas e artistas foram cedendo lugar ao jornalista profissional, especializado em resenhar obras recém-editadas. (ABREU, 1996, p.58).

Conforme coloca Sussekind (1993, p.27), os suplementos literários, quando não suprimidos, sofreram uma “domesticação no sentido de fazer das seções de livros e dos suplementos simples páginas de “classificados” dos “últimos lançamentos” das grandes editoras locais”.

Pautados pelos lançamentos do mercado editorial e pela agenda midiática, os suplementos reduziram significativamente, nos últimos 50 anos, a ênfase literária, sua principal marca. “No entanto, continuam a garantir lucro simbólico ao jornal que os produz”, ressaltam Golin e Cardoso (2010, p.191).

O mais facilmente encontrado nos grandes jornais são publicações culturais que, embora de certa forma herdeiras dos antigos suplementos, não são especificamente literárias e artísticas. “Os atuais suplementos, embora mantenham a tradição de publicação no fim de semana, elegem temas variados sobre diversas áreas do conhecimento, desde filosofia e literatura a ciências e esportes.” (LORENZOTTI, 2007, p.73).⁹

Desde então, é comum ouvir que o espaço para a literatura nos jornais acabou. Que uma crítica literária capaz de movimentar o debate cultural no país inexistente. O que prevalece, entre autores, críticos e intelectuais, é o sentimento nostálgico e saudosista com que se referem aos antigos suplementos, “que seriam mais consistentes, criativos e literários, no sentido reivindicado” (GADINI, 2009, p.179).

Foi diante deste contexto que, em 13 de março de 2010, nasce o *Sabático*, trazendo como principal proposta a retomada do *Suplemento Literário*.

⁹ Caso, por exemplo, do caderno Mais!, da Folha de S. Paulo, criado em 1992 e substituído pelo Ilustríssima em 2010.

Figura 1 – Capa da primeira edição do *Sabático*



Fonte: Estadão Online - <http://www.estadao.com.br/especiais/um-ano-de-sabatico.htm>

2. Na Contramão

Caminhando na contramão do jornalismo contemporâneo, *O Estado de S. Paulo* procura instituir, sob os moldes do *Suplemento Literário*, um espaço para a reflexão crítica da produção literária, mesmo tendo em vista a rara presença dessa mesma reflexão nas páginas dos jornais, marcados por abordagens superficiais e pela espetacularização da notícia; assim como a quase extinção do modelo de cobertura da cultura representado pelos antigos suplementos literários.

O apelo do lançamento do *Sabático* está na necessidade do cultivo de “um tempo para a leitura”, em meio à febre da internet, que teria levado a mídia impressa a mimetizar o estilo web. Juntamente a isso, consideramos a produção de suplementos literários sob a ótica do que representam, ainda hoje, para a imagem de um jornal perante seus leitores.

Para Travancas (2001, p. 36), o ganho simbólico é o que justifica a persistência por parte de alguns veículos nesse tipo de periódico. “Os suplementos literários transmitem uma ideia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e status para quem trabalha neles. (...). É como se o jornal se valorizasse na valorização do seu leitor”.¹⁰

¹⁰ Um fator também a ser levado em consideração é que a chegada do *Sabático* coincidiu com um momento agitado do mercado editorial no Brasil, marcado pela popularização de feiras e prêmios literários. Entre os eventos mais populares, destacamos a Bienal Internacional do Livro, a Feira Literária Internacional de Paraty, o Fórum das Letras de Ouro Preto e a Feira do Livro de Ribeirão Preto. Já entre as premiações, a mais famosa é o Jabuti. Temos ainda o Prêmio São Paulo Literatura, criado em 2008, e o Prêmio Portugal Telecom de Literatura, para citar alguns.



Em resumo, a criação do *Sabático* responderia à movimentação do mercado literário e editorial, associada à autoridade que este tipo de conteúdo garante ao jornal. Quanto ao seu exercício, os desafios mostravam-se ser contribuir com o debate e reflexão acerca das produções culturais, sobretudo, literárias; e reatar os laços com o exercício crítico, colocando fim ao sentimento nostálgico que acompanha as discussões sobre o jornalismo cultural.

Com base na análise das reportagens de capa veiculadas no decorrer do primeiro ano de circulação do *Sabático*, alguns apontamentos podem ser feitos acerca do universo temático e editorial do suplemento e de sua atuação no contexto do jornalismo cultural contemporâneo. O primeiro e mais significativo deles é o reforço de tradições, traduzido, sobretudo, na valorização de autores clássicos e consagrados.¹¹

É certo que existe, no jornalismo cultural, uma pré-disposição em perpetuar nomes e abordagens eleitos como legítimos. O *Sabático*, enquanto agente de difusão e consagração da produção artística, vai reproduzir essa marca da cobertura jornalística sobre cultura, trazendo em suas capas os cânones da literatura mundial, propondo-se a revisão de legados e valorizando a chamada arte culta e a alta literatura. E ainda,

A relação que o suplemento estabelece com o contemporâneo parece ser de insatisfação. O que prevalece é uma afinidade nostálgica com o passado, tendo em vista uma suposta incapacidade da produção contemporânea em superar os clássicos e em dar conta de seu contexto histórico e social. (SOUZA, 2012, p. 154).

Ao atuar nos mecanismos de criação de consensos sobre o valor da cultura, o suplemento não se propõe, portanto, à revelação de novas perspectivas artísticas. Cabe lembrar que, ao abordar a lógica do comércio de objetos de arte no século XVIII, no qual os comerciantes atuavam como uma espécie de “promotores do gosto”, Bourdieu (2008, p.189) adverte: “Sabendo farejar ou provocar as tendências do momento, tornaram-se incitadores, empreendedores, renovando o interesse, acelerando mesmo a evolução dos estilos, segurando habitualmente a clientela em suas mãos”.

Ou seja, para “segurar a clientela” ou, no caso que nos interessa, a legitimidade dos julgamentos dos jornalistas, deve-se minimizar os erros. Uma “aposta” equivocada

¹¹ Esta análise integrou a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), intitulada “A tradição legitimada: um estudo sobre o suplemento literário *Sabático*, do jornal O Estado de S. Paulo” (SOUZA, 2012). Constituíram o *corpus* da pesquisa trinta exemplares do suplemento, publicados entre 13 de março de 2010 e 26 de março de 2011, período que compreende o primeiro ano de circulação do *Sabático*.



pode colocar a perder o capital acumulado; enquanto o espaço aberto ao já legitimado, embora sem ousadia, é garantia de reforço do prestígio tanto para o crítico quanto para o objeto da crítica.

Essa postura cautelosa com a qual o *Sabático* lidou com seu capital simbólico faz da rememoração uma recorrência constante no suplemento, sobretudo, nas capas que partem de efemérides. O que prevalece é o tom celebrativo, em um passeio amplo pelas trajetórias dos autores. Já quanto aos principais critérios de seleção do *Sabático* para suas capas, destacam-se a incontestabilidade, a permanência/perenidade e a, já citada, notoriedade em torno dos nomes divulgados.¹²

Todas essas questões estão relacionadas à noção de cânone e de sua importância para o *Sabático*. O entendimento de tal postura adotada pelo suplemento passa pela visualização do jogo de distinção do qual fala Bourdieu e no qual se insere o jornalismo.

O espaço cedido por um jornal às produções culturais funciona como uma vitrine para artistas e instituições, é fonte de prestígio para seu público leitor no momento em que este busca informação em determinados veículos especializados e, sobretudo, é uma atividade que se utiliza do *status* de determinados produtores para legitimar seu discurso.

Em outras palavras, o destaque concedido a escritores de renome pelo jornalismo e reproduzido pelo *Sabático* trata-se de um ato de troca simbólica. Isso significa dizer que, entre as estratégias de acúmulo de capital simbólico adotadas pelo suplemento, esteve a aposta na visibilidade de nomes legitimados no campo cultural.

Foi por meio da associação de sua imagem à do cânone que o *Sabático* buscou instituir-se no campo jornalístico cultural, assim como circunscrevê-lo. Ou seja, ao fazer uma cobertura que privilegia livros clássicos e autores consagrados, e que não favorece, por outro lado, o que há de novo em termos de literatura, nem fomenta, por exemplo, o momento atual da ficção brasileira, o suplemento realizou um recorte dentro do próprio campo literário, fornecendo ao leitor uma visão restrita de literatura.¹³

¹² A maioria dos autores (e ou escolas de pensamento) que aparecem nas páginas do suplemento está lá porque resistiu à passagem do tempo, passou pelo teste da posteridade. (SOUZA, 2012, p. 151).

¹³ Durante o período analisado, a presença de escritores brasileiros na capa do *Sabático*, por exemplo, é mínima. Levando-se em conta todas as 30 edições selecionadas, somente duas cederam espaço a literatos do País: o poeta Ferreira Gullar e a ficcionista Rachel de Queiroz. Ambas relacionadas à publicação de livros de poemas. Os demais nomes brasileiros que receberam destaque estavam ligados a áreas afins à literatura como o sociólogo Gilberto Freyre, o crítico Antonio Candido e o artista plástico Iberê Camargo. Completa a lista o filósofo e professor José Arthur Giannotti. Vale ainda destacar que o romance brasileiro não aparece, não havendo uma única capa do suplemento, no período analisado, que enfocasse um lançamento do gênero.



O exercício jornalístico, por meio de suas escolhas e abordagens, define o que merece a atenção do público. Este, por sua vez, tem a sensação de que a cobertura jornalística retrata a totalidade da produção cultural. Sendo assim, o jornalismo – como bem descrevem Golin e Cardoso (2010) -, ao alcançar e se aproximar do chamado efeito de verdade, apaga seu modo de produção e se posiciona como um domínio capaz de reproduzir a realidade.

Como resultado, temos a consolidação, por meio da imprensa, de uma imagem do sistema cultural de determinado período, que conformam não apenas valores da arte, como também os sentidos de cultura de uma época.

Sendo assim, fica a pergunta: de que forma, no decorrer de sua breve atuação, terá contribuído o *Sabático* no processo de construção do retrato da arte e literatura desse tempo, e do qual a produção contemporânea teria sido privada?

A grande questão é que o *Sabático* não arriscou seu capital simbólico, enquanto publicação que se dirige a uma elite intelectual, colocando à prova sua autoridade com julgamentos incertos. O que o suplemento fez, em meio a diluição de parâmetros de valor e do discurso intelectual em voga, foi pautar-se por um dos únicos “medidores” incontestáveis: o tempo.

Não que hoje não se possa discutir o que é literatura. Sarlo (2004), embora muitas vezes aborde de forma pessimista esta questão, não desconsidera, por exemplo, que se possa definir arte mediante uma lista de funções que ela desempenha na vida social ou mediante um inventário das crenças sobre ela.

Ou seja, em termos formais, o objeto artístico traz algumas particularidades que movimentam debates. Um debate do qual o suplemento, entretanto, se ausenta de forma bastante significativa, ao ambicionar, mesmo enquanto produto do jornalismo, a permanência de seu objeto – a literatura.

A questão parece estar imbricada à própria dinâmica do jornalismo cultural e da leitura que tal prática faz de si mesma. Inseridos em um ambiente do qual se deseja diferir, os suplementos literários têm dificuldade de chegar a um equilíbrio e superar as dicotomias que eles próprios se impõem. Ou seja, quando procura ser didático sem ser superficial, ser analítico e erudito e, ao mesmo tempo, ser capaz de atingir fatias significativas do público. (SOUZA, 2012, p.163).

Não se ignora o fato do *Sabático* não ter situado seu discurso no terreno do entretenimento, nem tampouco não ter construído suas notícias de maneira superficial.



E, embora dirigido a um público específico, o suplemento não se isentou de contextualizar o leitor menos “preparado”, cumprindo com o que deveria ser seu objetivo primeiro: o incentivo à leitura e a disseminação da literatura. A crítica não reside na literatura que disseminou ou no modo que o fez, e sim na que deixou de divulgar, numa restrição preocupante do campo literário.

Quando se lamenta, com a morte do *Sabático*, o fim de um espaço destinado à literatura, lamenta-se, portanto, o fim de um espaço dirigido à literatura clássica, ao cânone, ao que está dado, ao “incontestável”, à rememoração – e não ao debate e fomento da produção artístico-intelectual contemporânea, tal como fizeram os antigos suplementos.

3. Fim de Um Tempo Para Leitura?

Nina (2007, p.37), em seu livro *Literatura nos Jornais*, já havia constatado um certo “esvaziamento das polêmicas” entre os críticos, cujo exercício estaria, segundo ela, morno e acomodado. De acordo com a autora, “é raro ver um crítico, seja ele jornalista ou acadêmico, criando algum tipo de discussão no ambiente intelectual e literário”. Em *O Livro no Jornal*, Travancas (2001, p.129) também avaliava que os suplementos não seriam mais considerados o cenário da crítica literária, um local de discussão e polêmica.

A conclusão a que se chega após essa análise temática e editorial, reforçada pela decisão do *O Estado de S. Paulo* em extinguir seu suplemento literário, é que o *Sabático* não foi capaz de reverter esse cenário. A mobilização de debates tal como acontecia na época do *Suplemento Literário* não se concretizou talvez porque a própria natureza dos debates tenha mudado.

Ao refletir sobre o fim, em 1974, do *Suplemento Literário*, Lorenzotti (2007, p.55) escreveu:

Como, então, frente ao desejo frenético pela rapidez e a ânsia pela novidade, poderia continuar subsistindo, em um jornal moderno, esse corpo estranho que teimava em refletir, em um outro tempo, diverso daquele do jornal, sobre coisas das artes? E não sobre vida literária, mas sobre Literatura.

A emergência de novas demandas de cobertura jornalística da cultura e a própria dessacralização do papel de intelectuais e críticos teriam criado um ambiente



inadequado às publicações produzidas sob tais moldes. “Neste mundo, haveria cada vez menos espaço para um projeto de reflexão intelectual como aquele, e de intervenção direta na cultura”, conclui Lorenzotti (2007, p.68).

Mais do que voltado a suprir a carência desse espaço de reflexão, o nascimento do *Sabático* esteve ligado a um desejo do *O Estado de S. Paulo* em ampliar seu prestígio frente ao público leitor, numa tentativa de, sobretudo, reafirmar o papel do jornal e seus agentes enquanto mediadores imprescindíveis. A criação do suplemento destacou-se entre as estratégias adotadas pelo *O Estado de S. Paulo*, naquele momento, contra a suposta crise do jornal impresso.

Lembremo-nos da extensa campanha publicitária “Qual o valor do conhecimento?”, com a qual o jornal procurou instigar o leitor a trocar informação por conhecimento – ou seja, informações rápidas por leituras densas e contextualizadas. Com a campanha, o *O Estado de S. Paulo* parece ter “preparado o terreno” para a estreia do projeto editorial e gráfico por vir em 2010 e que se configurou, entre outras coisas, na criação do *Sabático*.¹⁴

Frente ao período vivido pelo jornalismo impresso, o *O Estado de S. Paulo* considerou ser o “momento de apostar”, conforme estampa o título da matéria publicada na edição que lançou as reformas à época do nascimento do *Sabático*. Ao invés de se intimidar pela mídia digital, o jornal acreditava que a saída estivesse em oferecer “algo a mais”.

“Era digital. Com a explosão da internet, cada ambiente de informação passou a ter seu atrativo: se na web o usuário navega e busca exatamente o que quer, aos jornais cabe selecionar, analisar, oferecer o inesperado e pautar os grandes assuntos de um país”, lê-se na linha fina da matéria.¹⁵

Sobre a reforma realizada pelo jornal, Alberto Dines (2010) afirmou: “este *Estadão* redesenhado é um convite à leitura. A reforma foi visual e conceitual: ofereceu-se mais papel ao leitor, mais conteúdo, mais densidade – mais jornal”. O jornalista acreditava que as mudanças propostas pelo veículo refletiam uma importante tomada de posição frente à febre da internet, declarando otimista:

¹⁴ A campanha possibilitava que os novos assinantes escolhessem o quanto desejavam pagar pelo jornal. A estratégia tratava-se em ressaltar que informação (disponibilizada gratuitamente, via internet, por exemplo) difere de conhecimento (conteúdos bem apurados, encontrados somente em meios especializados). Embora a promoção tenha sido encerrada em julho de 2009, seu *slogan* ainda é utilizado. Vale lembrar que, no mesmo ano, reformas também foram realizadas nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo.

¹⁵ O ESTADO DE S. PAULO, p. H2, 14/mar/2010.



A reforma visual do *O Estado de S. Paulo* suscita uma série de constatações. A mais importante: morre quem quer morrer, extingue-se quem entrega os pontos (excluem-se acidentes e fatalidades). Rejuvenescido pelos 226 dias de censura e a lembrança do seu passado de lutas, o jornalão de 135 anos envergou a fatiota nova e deu um salto à frente.

Diante de tudo isso, nos cabe concluir que a extinção do *Sabático* representa o recuo do *O Estado de S. Paulo* frente às mesmas imposições e demandas com as quais se deparava à época da criação do seu suplemento literário. Para acompanhar o chamado “tempo do leitor”, o jornal teria desistido, enquanto estratégia, do “tempo para a leitura”.

Ao se questionar sobre “quem matou o *Sabático*”, o mesmo Alberto Dines (2013) conclui: “seu algoz não foi a internet, foi uma imensa e poderosa incapacidade para ousar”.

Diagnósticos à parte, o fato é que essas contraditórias tomadas de posição, não apenas do jornal *O Estado de S. Paulo*, refletem as incansáveis tentativas da mídia impressa em firmar-se no contexto web e encontrar as palavras certas e o tom exato capazes de dialogar com o leitor contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ et al (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p.13-59, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: uma contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Trad. Guilherme J. F. Teixeira; Maria da Graça Jacintho Setton. 3 ed. reimpr. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRASIL, Guilherme. **Contra o fim do Sabático de O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <http://www.avaaz.org/po/petition/Contra_o_fim_do_Sabatico_de_O_Estado_de_S_Paulo_1/?tMapxeb>. Acesso em: 22 abr. 2013.

DINES, Alberto. Quem matou o Sabático? **Observatório da Imprensa**, Seção Imprensa em Questão. São Paulo, 12 abr. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quem_matou_o_lsquo_sabatico_rsquo>. Acesso em: 22 abr. 2013.

_____. Estadão confronta o apocalipse. **Observatório da Imprensa**, Seção Imprensa em Questão. São Paulo, 16 mar. 2010. Disponível em:



<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/estadao-confronta-o-apocalipse>>.
Acesso em: 15 jan. 2012.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (Org.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural, p. 184-203, 2010.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!:** 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais** – a crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus, 2007.

O ESTADO DE S. PAULO. Estado estreia novo projeto gráfico dia 22. São Paulo, Economia & Negócios, p. B10, 05 abr. 2013.

_____. Estado estreia 2ª feira a nova organização do jornal impresso. São Paulo, 20 abr. 2013. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,estado-estrela-2-feira-a-nova-organizacao-do-jornal-impresso,151336,0.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

_____. Momento de apostar. Notícias, p. H2, 14 mar. 2010.

_____. Caderno resgatará suplemento que marcou época. Vida&, p. A26, 07 mar. 2010.

_____. Estado renova projeto gráfico, lança cadernos e amplia portal. Vida&, p. A26, 07 mar. 2010.

_____. No “Sabático”, todas as razões para cultivar o tempo da leitura. Vida&, p. A26, 07 mar. 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTIAGO, Silvano. **Crítica literária e jornal na pós-modernidade**. In: Revista de Estudos em Literatura, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Trad. Sérgio Alcides. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.



SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Karla Beraldo de. **A tradição legitimada**: um estudo sobre o suplemento literário Sabático, do jornal O Estado de S. Paulo. 2012, 174f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru, 2012.

SUSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal** – os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.